
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

*Achille Mbembe and the conception of the neoliberal state: search for a universal
political philosophy*

Romero Venâncio Junior da Silva*
Daniel Christian dos Santos**

Resumo: Este artigo procura minimamente abordar a discussão feita em filosofia política na modernidade. Para tanto, buscamos entender o cânone da filosofia política contemporânea e contextualizar com a obra de filósofos que foram críticos dessa concepção da tradição ocidental. Entendemos salutar discutir uma filosofia política que parta da tradição ocidental e que, ao mesmo tempo, se construa com uma ideia de universalidade de fato, que deixe de comparar Europa e europeu consigo mesmo, que quebre a ideia provinciana do pensar filosófico euro-americano e que por fim contemple algumas epistemologias do Sul do mundo que foram silenciadas. A escolha de um filósofo africano que discuta os limites da organização social do ocidente e que pretenda ir além do pensamento provinciano branco europeu, atende bem esse propósito. Faremos uma comparação com filósofos que, apesar de não serem tão estudados nos departamentos de filosofia Brasil afora, foram importantes paradigmas para uma filosofia que pretende descolonizar o pensamento, por consequência colocar a Europa no lugar que cabe a ela: o de uma província do mundo.

Palavras-chaves: raça, racismo, neoliberal, provincialismo, eurocêntrico.

ABSTRACT: *This article seeks minimally to address the discussion made in political philosophy in modernity. To this end, we seek to understand the canon of contemporary political philosophy and contextualize with the work of philosophers who were critical of this conception of western tradition. We understand salutary to discuss a political philosophy that departs from western tradition and, at the same time, is constructed*

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade federal de Sergipe (PGF - UFS) e da Programa de Pós-graduação em Cinema da Universidade Federal de Sergipe (PPGCINE - UFS).

** Mestrando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (PGF - UFS).

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

with an idea of de facto universality, that stops comparing Europe and European with yourself, that breaks the provincial idea of Euro-American philosophical thinking and that finally contemplates some epistemologies from the South of the world that have been silenced. The choice of an African philosopher who discusses the limits of the social organization of the West and who wishes to go beyond European white provincial thought serves this purpose well. We will make a comparison with philosophers who, although not so studied in the departments of philosophy Brazil, were important paradigms for a philosophy that intends to decolonize thought, consequently putting Europe in the place that belongs to it: that of a province of the world.

Keywords: *race, racism, neo-liberal, Provincialism, eurocentric.*

Introdução

Quando tratamos de filosofia política na contemporaneidade temos os nomes que o cânone da tradição ocidental traz como necessário ou no mínimo interessante para discussão dessa parte da filosofia. Se formos citar os autores que fazem parte desse cânone, teríamos algumas características centrais: geralmente são filósofos europeus ou estadunidenses, brancos (preferencialmente liberais) que têm como paradigmas filósofos que partem desse mesmo lugar e da mesma base epistemológica. Para exemplificar alguns nomes podemos citar Eric Weil, John Rawls Robert Nozick, Tomas Scalon e Hanna Arendt (uma exceção por tratar-se de uma mulher que em comum com os anteriores, tem sua base epistemológica e lugar de origem, mas, admitamos, o cânone da tradição filosófica ocidental raramente abre espaço para as filósofas). Filósofos amplamente aceitos como integrantes do cânone.

Outro ponto em comum entre a filósofa e filósofos citados é a defesa de uma liberdade da sociedade capitalista nos estertores dos estados liberais. A defesa da liberdade feita por esses filósofos e filósofa jamais contemplou a situação de povos oprimidos do Sul do mundo. Sabemos que a colonização trouxe efeitos deletérios para esses povos que até hoje são sentidos. Pode-se então levantar o questionamento do porquê não fora tratada por esses teóricos a situação de subalternidade imposta ao Sul do mundo por esses estados autoproclamados estados promotores da liberdade? Por que o silêncio constrangedor sobre a situação da diáspora africana, do colonialismo, dos estados racistas estadunidenses e sul-africanos, uma vez que o tema recorrente na discussão política desses filósofos e filósofa era a liberdade?

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

Vemos, portanto a necessidade de discutir uma filosofia política que, mesmo que parta desses lugares de discussão, possa contrapor essas ideias. Queremos abordar uma filosofia política heterodoxa, que analisa as tentativas universalizantes da tradição filosófica ocidental, que pós Hegel torna-se uma necessidade para o ocidente. A ortodoxia ocidental, contudo, não foi tão homogênea e tivemos pensamentos dissonantes como Ludwig Feuerbach, Karl Marx, Friedrich Engels, Rosa Luxemburgo, Antônio Gramsci, Jürgen Habermas, Herbert Marcuse, Simone de Beauvoir, Frantz Fanon e Jean Paul Sartre, bem como filósofos do Sul do mundo como Anibal Quijano, Enrique Dussel, Mogobe B. Ramose, José Castiano, Liazzet J. K Bonate, Maria Paula Menezes, para citarmos teóricos dissidentes da ortodoxia liberal homogeneizante.

Neste artigo, pretendemos abordar uma crítica heterodoxa feita com base na obra do filósofo camaronês Achille Mbembe. Este importante filósofo africano traz em sua discussão principal um desafio prementemente concreto, que trata de romper com o paradigma hermeticamente fechado da tradição ocidental. Mbembe pensa a sociedade nas palavras e discussões contra hegemônicas tal qual foram propostas em discussões ensejadas por Edward Said e Angela Davis. O pensamento do camaronês em sua dimensão crítica do estado neoliberal será o objeto de minha discussão nesse artigo.

A importância da escolha dos paradigmas

Referente aos paradigmas que citamos anteriormente, a despeito de tratar-se de filósofas e filósofos marginalizados nas academias, pouco visitados em filosofia política e contemporânea nos Departamentos de Filosofia Brasil afora, enxergamos a potência do pensamento pós-colonial de Edward Said, a ousadia e engajamento do feminismo negro e do abolicionismo penal de Angela Davis que teve por paradigma a escola de Frankfurt e a leitura lúcida que Achille Mbembe faz do estado neoliberal e suas práticas de morte – compreendidas na ideia de necropolítica. Essas discussões demonstram o niilismo em que se insere a sociedade capitalista moderna, que se orgulha de seus estados liberais. Desconfio que o motivo da marginalidade desses potentes pensadores da filosofia política contemporânea, reside no fato de criticarem a construção desse ocidentalismo opressor, genocida e niilista. Não pretendo nesse artigo ser condescendente com as práticas colonialistas ocidentais, contudo cuidarei para não ser

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

sectário, entendendo que há importantes contribuições do pensamento ocidental para a construção da crítica que traremos.

Para introduzir o pensamento de Achille Mbembe, temos que visitar sua obra mais profunda no sentido analítico: *Crítica da Razão Negra*. Esta obra traz aspectos da categoria necropolítica e amplia a discussão propondo a análise do estado racial construído sob o signo da raça. Para tanto faz-se necessário entender essa categoria metafísica desenvolvida pela filosofia ocidental. Vamos analisar como se fundamenta a raça e buscar a origem histórica do termo dentro da filosofia demarcada na modernidade filosófica. Assim, refletiremos sobre a estrutura racial do estado que foi construída para ser a base do estado neoliberal por consequência do denominado neoliberalismo. Nessa análise, buscaremos as bases desse estado bem como as proposições feitas por Achille Mbembe da evolução desse estado no ocidente. A primeira ideia é de entender como se fundamenta a raça e como o estado faz uso dessa “categoria”.

Como se fundamenta a raça

A raça tem a função precípua de segmentar o humano em seu contínuo biológico. Trata-se fundamentalmente de uma categoria metafísica, que foi gestada pela modernidade. Na história humana conhecemos inúmeras passagens de dominadores e subalternizados, geralmente decorrente de situação de guerra de conquista, de uma subalternidade imposta pela força das armas ao derrotado na guerra. Em sentido histórico essa lógica se impôs ao preto africano no momento de sua captura, nos primórdios da escravização do preto africano. Contudo uma diferença se operou, trata-se da transformação dos corpos pretos naquilo que Achille Mbembe chama de:

[...] reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando a pele e a cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada¹.

A condição de escravização com base no fenótipo humano é um fenômeno moderno por excelência. Muito decorrente da tentativa de fundamentação metafísica da

¹MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: Editora N-1, 2018, p. 15

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

categoria de raça, que serviu à ‘racionalidade’ da exploração e da espoliação, o que proporcionou ao homem branco euro-americano a materialização da prática descrita por Karl Marx como: “A chamada acumulação primitiva do capital”². Nesta acepção, foram dadas as condições para o nascimento do capitalismo bem como a base material para se fazer operar, ou seja, corpos pretos categorizados como subumanos, prontos para o trabalho forçado, perpétuo – o trabalho só teria fim com a morte do escravizado – e gratuito. O aspecto economia está presente na construção da categoria de raça, a economia motivou a escravização, desde sempre o trabalho foi entendido como central na construção do chamado acúmulo primitivo do capital. Portanto, era conveniente que o escravizado fosse classificado como subumano, desse modo ele não teria direito sobre aquilo que produzia.

Neste sentido, a raça e o negro não poderiam deixar de ser figuras centrais do discurso euro-americano. Entender esse aspecto da construção ocidental é necessário para compreendermos as formas de inscrição no mundo do estado neoliberal. Obviamente, o ocidente de maneira reiterada nega que raça e negro sejam centrais na construção de seus modos de existir, contudo uma análise histórica bem construída e a discussão das bases econômicas desse estado podem nos levar a identificar com lucidez essa relação.

A Europa e a construção do pensamento provincial e racial

Há, entretanto, a premência de proclamar o óbvio lugar dessa província do mundo chamada Europa, como nos propõe Achille Mbembe. Temos que pensar e analisar o mundo reservando ao pensamento europeu o lugar ao qual pertence, e esse lugar não é a pretensa universalidade que filósofos europeus conclamam. Muito da universalidade filosófica tratada na centralidade de um pensamento europeu, pautou-se em uma visão anacrônica da filosofia que insistentemente exclui todo e qualquer pensamento que contradiga o que a Europa afirma há séculos. Nas palavras de Achille Mbembe:

²MARX, Karl. *O Capital: para a crítica da economia política*. Livro I, volume II, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 833.

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

[...] o pensamento europeu sempre tendeu a abordar a identidade não em termos de pertencimento mútuo (copertencimento) a um mesmo mundo, mas antes na relação do mesmo com o mesmo, do surgimento do ser e da sua manifestação em seu ser primeiro ou, ainda, em seu próprio [...] como consequência direta de autoficção, de autocontemplação e até de enclausuramento, o negro e a raça têm sido sinônimos, no imaginário das sociedades europeias³.

Para o filósofo africano, autoficção e autocontemplação representam figuras idênticas daquilo que denominou “delírio que a modernidade produziu”⁴. O delírio proposto por Mbembe é aquele que Gilles Deleuze traz em: *Dois Regimes de Loucos, Textos e Entrevistas*. O negro, conceito ideológico europeu (sem fundamentação ontológica no sentido marxiano), que é fruto do que Mbembe designou delírio do europeu branco, “[...] é este ou aquele que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender”⁵. Para Mbembe, onde quer que apareça o negro temos o desencadear de passionalidade, que provoca irracionalidades, e abala o que se entende por racional. Não há um humano que queira ser um negro nas acepções que foi definido o negro. Quem foi englobado nessa categoria luta para fugir dela e quem a inventou sente pavor dela, ninguém quer ser tratado como negro. Opera-se aí o que Achille Mbembe descreve como alterocídio.

Essa ficção chamada raça sob a qual se assentou o que se chama estado no ocidente, conforme nos aponta Michael Foucault, em seu livro *Em defesa da Sociedade*, teve por base também a cor da pele e em sua construção buscou sedimentar no mundo euro-americano a própria ideia do que se denomina estado contemporâneo. O fato é que a raça, segundo Mbembe, funciona como uma “categoria originária, material e fantasmática”⁶. Foi fundamental para que se concretizasse nos anos precedentes às catástrofes genocidas como o sequestro de pretos africanos e a consequente diáspora africana, a destruição psíquica do africano em diáspora, crimes contra a humanidade e massacres incalculáveis e irreparáveis.

Buscar na história e na filosofia uma chave de análise da origem da raça e do negro enquanto categoria metafísica é um passo necessário para entendermos as origens do conceito. A modernidade filosófica foi fundamental para dar base a esse processo de desumanização de gente preta. A tradição filosófica procurou não examinar detidamente

³MBEMBE, A. *Op. Cit.*, p.11 – 12.

⁴MBEMBE, p.12.

⁵*Ibidem*.

⁶*Ibidem*.

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

o fenômeno da racialização, mesmo porque na quadra histórica da modernidade filosófica, a ideia vigente dizia respeito à desumanização do humano de pele preta com justificativas variadas, todas lastreadas por uma base racional ocidental.

Percebe-se na história da filosofia uma tentativa de silenciamento de filósofos que trataram do tema relacionado à questão racial. Filósofos que ousaram tratar do tema, como de fato deve ser tratado, principalmente na contemporaneidade, foram “destituídos” da filosofia, a exemplo de: Michel Foucault, Frantz Fanon, Achille Mbembe e outros tantos. Quanto àqueles que se denominam e são denominados filósofos, a oferta para a humanidade referente à raça foi o mais absoluto silêncio, que ainda hoje o fazem. Neste sentido, demonstraram o lado que estavam e que estão quando se trata de argumentar a respeito da questão racial. Nessa acepção, sigo o conceito de engajamento tal qual proposto por Jean Paul Sartre.

Houve alguns filósofos que se manifestaram sobre esse assunto. Temos dois textos de dois dos mais importantes paradigmas da filosofia ocidental, trata-se de Kant e Hegel (Hume estará subentendido na citação de Kant). Esses dois filósofos expuseram posições manifestadamente racistas na modernidade filosófica. Como podemos ler em Kant em seu ensaio estético de 1764 *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*:

Os negros da África, por natureza, não têm nenhum sentimento que se eleve acima do pueril. O senhor Hume desafia quem quer que seja a citar um único exemplo de um negro demonstrando talento e afirma que dentre as centenas de milhares de negros que são transportados de seus países para outros, mesmo dentre um grande número deles que foram libertados, ele nunca encontrou um só que, seja em arte, seja nas ciências, ou em qualquer outra louvável qualidade, tenha tido um papel importante, enquanto que dentre os brancos, constantemente ele constata que, mesmo se nascidos das camadas mais baixas do povo, estes sempre se elevam socialmente, graças a seus dons superiores, merecendo a consideração de todos. Tanta é a diferença essencial entre estas duas raças; ela parece também tão grande no que concerne às capacidades quanto segundo à cor. A religião fetichista, largamente difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria que se enraíza tanto na puerilidade quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, um chifre de uma vaca, um búzio, ou qualquer outra coisa ordinária, desde o instante em que esta coisa seja consagrada por certas palavras, é um objeto de veneração e invocada em juramentos. Os negros são muito vaidosos, mas à maneira negra, e tão tagarelas que é preciso dispersá-los a golpes de porrete.⁷

⁷KANT, Immanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime; Ensaio*. Campinas: Papirus, 1993. p. 114

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

A posição de Kant (e de Hume conforme cita Kant) referente aos negros e à África negra é determinante para afirmarmos sua posição racista. Não é possível a nós entender de outra forma. O curioso é que Kant contradiz seu sistema ao firmar tal posição, conforme analisa Santos (2020) em artigo:

Ora, na afirmação de Kant, podem ser apontadas várias falsidades que alicerçam sua argumentação, vamos nos ater a apenas uma. A falsidade que analisaremos diz respeito à determinação da existência de uma diferença “essencial” entre negros e brancos e determinação daquilo que é de ‘natureza do negro’ aqui interpretado como essência do negro. Ora, para ele há uma essência comum a todos os humanos classificados como negros que é diferente da essência de todos os humanos classificados como brancos. Por si a classificação “negro” feita pelo filósofo prussiano é inconsistente. O que são negros para Kant? Somente os que foram sequestrados e forçados a escravização? E os que ficaram em África? E quanto a outros que também são pretos como os da África, também estão inclusos nessa classificação? O que define essa categoria é local de nascimento e cor de pele? Com que precisão Kant trata da “natureza dos negros africanos” sem ter estado em África para comprovar? A filosofia de Hume bastava para tal? Há problemas na classificação de Kant.⁸

Outro importante nome do pensamento ocidental contribuiu, em sua obra intitulada ‘A razão na história: Uma introdução geral à filosofia da história’, para a sedimentação do racismo que se propagou como verdade racional nesse ocidente branco e racista. Vejamos a ideia de Hegel sobre a África e as pessoas pretas nascidas lá:

[...] a África propriamente dita, tão longe quanto a história registra, conservou-se fechada, sem laços com o resto do mundo; é a terra do ouro, debruçado sobre si mesma, terra da infância que além do surgimento da história consciente, está envolvida na cor negra da noite...[...] O que caracteriza os negros, é precisamente o fato de que sua consciência não tenha ainda chegado à intuição de nenhuma objetividade firme, como por exemplo Deus, a Lei, onde o homem se sustentasse na sua vontade, possibilitando assim a intuição do seu ser... Como já dito, o negro representa o homem natural, em toda sua selvageria e sua petulância; é preciso fazer abstração de qualquer respeito e qualquer moralidade, do que se chama sentimento, se deseja de fato conhecê-lo; não se pode encontrar nada nesse caráter que possa lembrar o homem.⁹

Contrário ao que afirma Hegel, a África, tão distante quanto os historiadores puderam registrar, desenvolveu civilizações organizadas com um sistema social e de produção orgânicos muito antes de o ocidente descobrir a escrita. O Kemet aparece “[...]”

⁸SANTOS, Daniel Christian. “Considerações Sobre Conhecimento e Pós-verdade”. In: *O Manguenzal Revista de Filosofia*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2020. p. 31.

⁹HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A Razão na História: Uma Introdução Geral a Filosofia da História*. São Paulo: Centauro, 2001. p. 245-250

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

como referência de local de produção dos primeiros textos de filosofia africana, segundo vários especialistas do tema [...]”¹⁰”. Portanto o que opera Hegel como ferramenta fundamental de desumanização do negro é o que Pontes traz em sua dissertação citando o filósofo Renato Noguera:

Em outro parâmetro, o filósofo Renato Noguera nos presenteia com uma análise precisa de que é no epistemicídio que todo legado escrito pelos povos de origem africana é eliminado covardemente da história. Segundo Noguera (2014), o epistemicídio é a chave para compreendermos por que esses saberes não chegam aos espaços nos quais se pretendem discutir e conceituar a pretensa filosofia.¹¹

Não estamos aqui a questionar toda as contribuições valiosas desses dois filósofos para o desenvolvimento do pensamento filosófico do ocidente. A dialética hegeliana ensejou importante paradigma para o desenvolvimento de um dos mais importantes e discutidos pensamentos dos séculos XIX, XX e XXI: o materialismo histórico e dialético de Marx e Engels. Kant também foi paradigma importante no pensar filosófico do jovem Marx e de tantos filósofos que o sucederam. Contudo, precisamos voltar-nos aos equívocos filosóficos cometidos e ter lúcido que o pensamento de ambos contribuiu para apagamentos epistemológicos, paradigma para o racismo científico, enfim, auxílio valioso para o pensamento racista do ocidente e tudo o que dele decorre.

Cumpra-nos a tarefa de buscar uma definição dessa forma de organização estatal chamada estado neoliberal. Vamos a ela.

O Estado neoliberal: síntese do estado racial radicalizado

A definição de Achille Mbembe para o que vem a ser o estado neoliberal está bem sintetizada em uma entrevista dada à revista francesa Philosophie Magazine. Nessa entrevista o filósofo Camaronês define o estado neoliberal:

¹⁰PONTES, Katiuscia Ribeiro. “Kemet, escolas e arcádeas: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03” / Katiuscia Ribeiro Pontes. - 2017 Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2017. p. 2

¹¹ *Idem.*, p.18.

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

Defino como neoliberalismo a época em que o capital pretende ditar todas as relações de filiação. Busca se multiplicar em uma série infinita de dívidas estruturalmente insolúveis. Já não há distância entre o fato e a ficção. Capitalismo e animismo se tornam uma coisa só. Em vista disso os riscos sistêmicos aos quais somente os escravos negros foram submetidos na primeira fase do capitalismo representam agora, se não a norma, ao menos a parcela que cabe a todas as humanidades subalternas. Há, portanto, uma tendência à universalização da condição negra. Ela é acompanhada pelo surgimento de práticas imperiais inéditas, uma rebalcanização do mundo, a intensificação das ações de zoneamento. Essas práticas constituem, no fundo, um modo de produção de novas subespécies humanas fadadas ao abandono e à indiferença, quando não à destruição.¹²

Uma das práticas desse estado é a política de morte com práticas imperiais e o que Mbembe classificou como a rebalcanização do mundo. Essas ações de confinamento dos historicamente subalternizados – no caso brasileiro, negros e indígenas – em espaços que eles possam ser controlados, é uma das formas de operar no estado neoliberal. A idéia por trás do zoneamento é ter uma forma de determinar espaços de prática de morte, de estado de sítio e exceção permanentes, que autoriza o estado empreender a morte quando não pode controlar os subalternizados. Mbembe classifica essa prática como o direito de matar, o biopoder expresso por Michael Foucault. Nesse sentido, o estado neoliberal empreende uma relação de inimizade que o autoriza à destruição material de corpos subalternizados.

Como exemplo podemos citar as meninas Emily Victoria da Silva, de 4 anos, e Rebecca Beatriz Rodrigues Santos mortas por tiro de fuzil 762 quando brincavam na porta de casa, em Duque de Caxias, região suburbana da Baixada Fluminense – arma que é usada pelo estado e que no exato momento da morte estava na mão de policiais a serviço do estado. Entre mortes ‘acidentais’ e ‘autorizadas’ temos a prática da escolha dos inimigos em lugares de prática da necropolítica, a destruição física nos locais ‘balcanizados’. Nesses espaços geograficamente delimitados não se respeita o que liberais proclamam ‘estado democrático de direito’. Para aquelas populações essa versão de estado jamais chegou. O filósofo camaronês escreve a respeito da posição central da raça nas políticas de zoneamento e de efetivação do biopoder que na extensão teórica que Mbembe trabalha culmina na necropolítica. Sobre a raça no estado racial Mbembe assevera:

¹²MBEMBE, Achille. *O Fardo da Raça: Entrevista com Achille Mbembe a Arlette Fargeau e a Catherine Portevin da Philosophie Magazine*. São Paulo: N-1, 2018. p. 4

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

Que a “raça” (ou, na verdade, o “racismo”) tenha um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável afinal de contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define a história como uma luta econômica de classes), a raça foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente [...]¹³

Na obra *Crítica da Razão Negra*, temos uma nova perspectiva, ela entrega para a filosofia a possibilidade de discussões epistemológicas que foram suprimidas do horizonte do pensamento filosófico ocidental, que se autoproclama universal em pleno devaneio provinciano. A criação do sujeito racial, como afirma Mbembe, confere ao homem classificado como negro todo o prejuízo que a história lhe deu subsumindo sua humanidade. Humano que, como conceito e paradigma, só poderia ser atribuído em sua completude ao branco euro-americano. Para o euro-americano esse homem-raça não-universal, inferiorizado, que está no meio do caminho evolutivo entre o homem e o macaco, não poderia tratar de epistemologia. Afinal, o conhecimento passível de investigação, segundo importantes filósofos ocidentais, são os que partem da filosofia grega que fundamentou a filosofia ocidental moderna, que segundo Mbembe demonstra o momento mais gregário da filosofia ocidental em Hegel:

[...] Nele o negro é representado como o protótipo de uma figura pré-humana incapaz de escapar de sua animalidade, de se reproduzir e de se erguer à altura de seu deus. [...] O momento gregário da cultura ocidental foi àquele ao longo do qual, com o auxílio do instinto imperialista, o ato de aprender foi progressivamente se desligando de qualquer tentativa de conhecer a fundo aquilo que se falava. A Razão na História, de Hegel, apresenta o ponto culminante desse momento gregário. Durante vários séculos, o conceito de raça – que sabemos advir inicialmente da esfera animal – serviu em primeira linha para nomear as humanidades não europeias.¹⁴

Retomando o caráter niilista do pensamento preponderante do ocidente, qual seja, o capitalismo neoliberal, temos a possibilidade real da extensão, daquilo que Mbembe chamou de condição negra, ao conjunto de humanos subalternizados.

O alterocídio impetrado pelo Europeu ao homem preto, nas condições que discutimos, ameaça ser estendido para outros grupos humanos não negros. Isso decorrente da radicalização desse estado capitalista liberal, onde temos a concentração

¹³MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: Editora N-1, 2018. .p. 17 – 18.

¹⁴MBEMBE, A. *Op. Cit.*, p.41

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

obscena de renda e distribuição das riquezas a um número cada vez menor de pessoas. Entretanto, o movimento histórico é dialético, pode ser que caminhemos para uma superação desse capitalismo excludente. Estamos nos estertores desse estado neoliberal, desse constructo monstruoso virá outra coisa, poderá ser mais radicalizada em sua pulsão de morte, ou algo que reorganize nossa forma de pensar para uma vida mais coletiva. Estamos nas mãos e dependemos dos sujeitos da história para o desenlace desse contexto.

Conclusão

Achille Mbembe, tal qual Edward Said e Angela Davis, traz lucidez aos estudos de filosofia política que se conecta com a premência do momento histórico que vivemos. A contribuição dessas filosofias como auxiliares na compreensão da contemporaneidade é importante leitura da conjuntura política da atualidade, levanta questionamentos frente à construção de um pensamento ocidental universalista, que ao fim, se provincializa. O ocidente se fecha em si mesmo e o movimento histórico já dá sinais de superação dessa lógica narcísica ocidental, pacto de uma branquitude ultrapassada. Com isso não quero dizer que a branquitude será transposta sem lutar, está posto no debate contemporâneo as tentativas de afirmação de um supremacismo branco ocidental, contudo, as forças progressistas que pensam contrário caminham no sentido de uma construção diferente, de uma pluralidade maior e de uma unidade humana que se baseie em um humanismo radical como aquele proposto por Fanon.

A ideia de visualizarmos nessa quadra histórica os estertores desse estado neoliberal é fundamentalmente uma escolha dos sujeitos que operam a história. A humanidade – destaque-se a palavra feminina humanidade para entender a mulher como sujeito da história – tem a possibilidade de transformar a realidade presente. Não podemos imaginar que uma ínfima parte de homens controlará o destino de milhares de pessoas sem discutir equidade. Parafraseando Fanon talvez “A explosão não vai acontecer hoje. Ainda é muito cedo... ou tarde demais.”¹⁵

Seja a revolução qual for, para que a humanidade subsista em sua construção histórica, ela deve ter em seu horizonte um humanismo radical, diferente daquele

¹⁵FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008. p. 25.

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

proposto pelo iluminismo e pelo idealismo. Deve ser um humanismo que restitua a humanidade de todo e qualquer humano subalternizado, seja no sul ou no norte do mundo, de pele preta, amarela ou branca. O norte do mundo, em especial Europa e América do Norte, deve ser destituído de sua posição imperialista de senhores da humanidade. Desse modo, teremos um humanismo que contemple toda a humanidade.

Paradigmas não muito usuais dessa filosofia miseravelmente contemplativa devem ser explorados, devem ser visitados para que se opere uma teoria de fato revolucionária. Como escreveu Karl Marx: “Os filósofos só interpretaram o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de transformá-lo”¹⁶.

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, Silvio Luis de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- _____. *Sartre Direito e Política*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BENTO, M. A. S. Pactos Narcísicos no Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. São Paulo, 2002. – 169p. Tese (doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- _____. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A Razão na História: Uma Introdução Geral a Filosofia da História*. São Paulo: Centauro, 2001.
- KANT, Immanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime; Ensaio*. Campinas: Papirus, 1993.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980
- LOSURDO, Domenico. *Contra História do Liberalismo*. Tradução de Giovanni Semeraro. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- _____. *O Capital: para a crítica da economia política*. Livro I, volume II, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: Editora N-1, 2018.
- _____, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: Editora N-1, 2018.
- _____, Achille. *O Fardo da Raça: Entrevista com Achille Mbembe a Arlette Fargeau e a Catherine Portevin da Philosophie Magazine*. São Paulo: N-1, 2018.

¹⁶ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 103.

Achille Mbembe e a concepção do estado neoliberal: busca de uma filosofia política universal

_____, Achille. *Sair da Grande Noite*. Ensaio sobre a África Descolonizada. Traduzido por Narrativa Traçada. Luanda: Edições Mulemba, 2014.

NOGUERA, Renato. *Afrocentricidade e Educação*: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. *Revista África de Africanidades*, Cidade Rio de Janeiro, ano 3, n. 11, nov. 2010. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_02.pdf. Acesso em 29 jul.2014. Acesso em: 10 jan de 2017

_____. *O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639*. Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

_____. Denegrindo a Educação: Um Ensaio Filosófico Para uma Pedagogia da Pluriversalidade. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Cidade Rio de Janeiro, n. 93 18, p. 62-73, mai-out 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/7033/5556>. Acesso em: 29 jul. 2016.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. *Kemet, escolas e arcádeas*: a importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a lei 10639/03. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2017.

SANTOS, Daniel Christian. Considerações sobre o conhecimento e pós-verdade. *O Manguezal Revista de Filosofia*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2020. p. 26 - 42. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/omanguezal/issue/view/1063>. Acesso em 23 dez. 2020.

Recebido em: Março de 2021

Aceito em: Julho de 2021